

RESENHA DA OBRA: Devés, E., Álvarez, S. T., & Domínguez Ávila, C. F. (Eds.). (2024).

Problemáticas internacionales y mundiales desde el pensamiento latinoamericano. Teorías, escuelas y redes, conceptos, doctrinas, figuras (2.^a ed. corregida e ampliada). CLACSO; Ariadna Ediciones. ISBN: 978-987-813-753-7.

Sebastián Estenssoro Soriano¹

Resumo: O texto resenha *Problemáticas internacionales y mundiales desde el pensamiento latinoamericano* como um manual exaustivo da PIENSALIM, elaborado a partir de uma ampla revisão das produções de diversos e significativos ecossistemas intelectivos desde o final do século XIX até o início do século XXI, no âmbito da formação de Estados soberanos pós-coloniais. Destaca a obra como um mapa de teorias e abordagens, escolas e redes intelectuais, doutrinas, conceitos e figuras do pensamento da América Latina e do Caribe, e conclui valorizando sua contribuição para esclarecer o pensamento regional.

Palavras-chave: Pensamento Latino-Americano em Questões Internacionais e Mundiais (PIENSALIM); Eidodiversidade; Ecossistemas intelectivos; Teorias e abordagens teóricas; Doutrinas.

Abstract: The text reviews *Problemáticas internacionales y mundiales desde el pensamiento latinoamericano* as a comprehensive manual about PIENSALIM, based on an extensive review of works from diverse and significant intellectual ecosystems from the late 19th century to the early 21st century, within the framework of the formation of postcolonial sovereign states. It highlights the work as a map of theories and approaches, intellectual schools and networks, doctrines, concepts, and figures of Latin American and Caribbean thought, and concludes by assessing its contribution to clarifying regional thought.

Keywords: Latin American Thought on International and World Issues (PIENSALIM); Eidodiversity; Intellectual ecosystems; Theories and theoretical approaches; Doctrines.

Em memória de Amado Luiz Cervo (1941 - 2025).

Trata-se de uma obra coletiva organizada e editada por Silvia Álvarez T., pesquisadora e acadêmica da Universidade Nacional do Sul (UNS), diretora do Centro de Estudos do Século XX,

¹ Universidad de Santiago de Chile, Magíster em Estudos Internacionais

especializada em Relações Internacionais a partir de abordagens históricas e teóricas; Eduardo Devés, pesquisador e acadêmico do Instituto de Estudos Avanzados (IDEA) da Universidade de Santiago do Chile (USACH), doutor em Filosofia pela Universidade de Lovaina (1978), doutor em Estudos das Sociedades Latino-Americanas, com menção em História pela Universidade Paris III (1981); e Carlos Federico Domínguez Ávila, pesquisador e acadêmico do Centro Universitário Euro-Americano (UNIEURO), doutor em História das Relações Internacionais pela Universidade de Brasília (UnB) (2003).

A obra *Problemáticas internacionales y mundiales desde el pensamiento latinoamericano*² é resultado de um trabalho acadêmico de grande envergadura: a vasta leitura da trajetória do pensamento latino-americano ante a questão das problemáticas internacionais e mundiais no final do século XIX e início do século XXI, em conformidade com o surgimento do pensamento nacional, acompanhado do período de constituição de Estados soberanos independentes dos impérios coloniais.

Para se ter uma ideia geral sobre como se configuram os estudos internacionais (formais) na América Latina e no Caribe (ALC), vale a pena considerar a pesquisa empírica de Arlene B. Tickner “Los estudios internacionales en América Latina” 2002, que comprovou a atual subordinação (parcial) dos estudos internacionais latino-americanos ao paroquialismo acadêmico dos EUA, mas com grau suficiente de heterodoxia para poder ser reconhecido como uma “abordagem teórica” diferenciada: “O híbrido latino-americano”, correspondente à fusão de correntes: teoria da dependência, realismo clássico e teoria da interdependência. Levar isso em conta permite compreender a predominância realista estatocêntrica do acervo acadêmico internacional revisado pela obra. Mas também, embora seja correto que, no que diz respeito à ideia de uma abordagem teórica da região, os holofotes apontem para o estruturalismo latino-americano e as teorias da dependência e interdependência; a heterodoxia que reveste de identidade os produtos intelectuais internacionais e mundiais da região é mais ampla e emerge da eidodiversidade do pluriverso próprio da ALC, assim como a obra -em essência- sugere. Nesse sentido, a obra se propõe a dar conta da diversidade eidética em assuntos internacionais e mundiais presente nos diferentes ecossistemas intelectivos da ALC, refletida na ampla gama de eixos temáticos que a

² Disponível em CLACSO (Biblioteca/Repositório): <https://biblioteca-repositorio.clacso.edu.ar/handle/CLACSO/250640> (consulta: 23 de dezembro de 2025).

atravessam, a saber: uma sociologia estruturalista e outra pós-desenvolvimentista, a dimensão cultural, a economia política e o direito. Para tentar exemplificar o limite da heterodoxia eidética regional da obra, pode-se mencionar o conceito “Sumak Kawsay - Suma Qamaña” (bom viver), proveniente das culturas originárias, que reflete outro tipo de relação entre sociedade e natureza.

Assim, a obra se apresenta como um manual exaustivo do pensamento latino-americano em questões internacionais e mundiais (PIENSALIM) que, a fim de alcançar seu objetivo, procura esclarecer todas as marcas significativas desse pensamento na ALC, por meio de uma valiosa seleção especializada de colaboradores intelectuais representantes da geração atual, cada um responsável pela(s) definição(ões) de acordo com suas áreas de especialização. Este amplo percurso é composto por cinco partes: 1) Teorias e abordagens teóricas; 2) Escolas de pensamento e redes; 3) Conceitos; 4) Doutrinas; e 5) Figuras, que serão abordadas nos parágrafos seguintes, exceto as partes de Conceitos e Figuras, devido à sua relevância transversal para os demais aspectos.

A primeira parte, centrada na exposição das principais **teorias e abordagens teóricas**, demonstra, em primeiro lugar, a predominância da matriz epistemológica ocidentalocêntrica no pensamento acadêmico regional. Certamente, com reorientações de acordo com seus objetivos que permitem distingui-las claramente como teorias da ALC. Nesse sentido, elas passariam das lógicas de acumulação de poder e capital, do Realismo Clássico e do Liberalismo, para a emancipação (estrutural) e a conquista da autonomia, do Estruturalismo Latino-Americano. O Estruturalismo Latino-Americano, a Teoria da Dependência, o Realismo Periférico e o Neoestruturalismo Latino-Americano, por exemplo, erguem-se a partir das matrizes epistêmicas clássicas do Norte Global, mas com grau suficiente de heterodoxia para servir aos próprios interesses nacionais e da ALC como um todo. Com isso, não se quer insinuar que a herança epistêmica das principais teorias do PIENSALIM careça de valor por priorizar os eixos econômicos, produtivistas e desenvolvimentistas; pelo contrário, elas atacam e buscam reivindicar especificamente aquela problemática estrutural que determina a totalidade da ALC -na retórica do Norte Global- ao Terceiro Mundo, ou seja, a realidade inevitável da carência material comparativa, explicada por uma condição primária exportadora não-capitalista-industrializada. Compreender isso é compreender também um aspecto fundamental da “identidade internacional” da região. Isso significa a maneira como o mundo tende a observar, ler, estudar e entender a ALC. Uma exceção à regra seriam as Teorias da Construção da Potência (Brasil), pois sua prioridade gravita menos na emancipação e

autonomia regional e mais em uma ambição de poder semelhante à de uma potência do Norte Global, assumindo um projeto sub-hegemônico dentro da ALC. O foco deste conjunto de formulações destaca-se pela sua singularidade na experiência regional, estabelecendo um precedente de um espírito epistêmico ambicioso e não subordinado, que não deve ser menosprezado.

O valor da seleção de teorias e abordagens feita pela obra se consolida quando elas são observadas em conjunto com as teorias e abordagens que incentivam precisamente o desmantelamento da dominação epistêmica ocidentocêntrica em prol de uma emancipação, mais precisamente, ontológica; pois, para essa tarefa, essas perspectivas incentivam uma compreensão holística da diversidade eidética da ALC. Com estas últimas, referimo-nos, por um lado, à Insubordinação Fundadora, que promove uma insubordinação ideológica (que se opõe à naturalização da multiplicidade de ordens impostas pelo centro) como o primeiro passo de uma pauta histórica para a emancipação; e, por outro, à abordagem decolonial dos estudos internacionais. Abordagem que concebe a globalização como o estágio culminante do capitalismo moderno/colonial ocidentocêntrico e que denuncia a complexa estrutura multinível da colonialidade do poder, da qual deriva a do ser, do gênero e do saber.

A segunda parte aborda as **escolas de pensamento e as redes**. A obra mantém a coerência entre as teorias-abordagens teóricas e os ecossistemas intelectivos dos quais elas se originam. Começando pela Argentina, que em meados do século XX se destacou como um importante foco das Relações Internacionais na ALC. Assim, temos a Escola Socioeconômica e Histórica que, a partir de Rapoport, situa as Relações Internacionais na história econômica e na economia política de longa duração, interpretando a inserção da ALC em termos de centro-periferia, dependência e ciclos do capitalismo mundial, além do formalismo jurídico-diplomático. Por outro lado, a Escola Rosarina de Relações Internacionais ocupa um lugar importante por seu legado autonomista, concebendo-o não apenas como margem de manobra estatal, mas como estratégia de inserção relacional de periferias que apostam na cooperação Sul-Sul. Em diálogo com a veia autonomista, a obra revisa a Escola Brasil Grande Potência, a Escola de Brasília e a Escola Mexicana de Relações Internacionais. A primeira é apresentada como uma operação semiconsciente de “engenharia eidética” que condensa formulações brasileiras que, de Jaguaribe a Fiori ou Guimarães, projetam o país como potência de alcance global (isso de acordo com as Teorias da Construção da Potência). A segunda é apresentada como um verdadeiro laboratório de pensamento internacional, com

múltiplas figuras e produções teóricas que questionam a pretensa universalidade das teorias dominantes, oferecendo ferramentas históricas e estruturais para interpretar a política externa brasileira e sua consolidação como potência regional. Já a Escola Mexicana de Relações Internacionais mostra como o México elaborou uma leitura densa da política externa e do regionalismo, ancorada em instituições universitárias e em uma diplomacia com grande contribuição para a tradição doutrinária da ALC.

Quanto ao Caribe, a Escola Pan-africanista do Caribe e o New World Group orientam o olhar para o Atlântico negro e o Caribe pós-colonial. Assim, a Escola Pan-africanista do Caribe, iniciada por volta de 1900 por Silvester Williams, define o pan-africanismo como a reivindicação global dos direitos e condições de vida dos povos negros. Enquanto isso, no Caribe anglófono, o New World Group, por volta da década de 1960, formula uma economia política que entende as economias de plantação como periferias dependentes do poder metropolitano, propondo a integração regional e uma identidade caribenha como “união dos fracos”, em uma chave dependente, anti-imperialista e de modernidade periférica. Por outro lado, a Escola Unionista Centro-Americana, surgida no final do século XIX com Salvador Mendieta, propôs a união/federação do istmo como resposta anti-imperialista e anti-intervencionista frente aos EUA e ao separatismo, articulando posteriormente na União Democrática Centro-Americana a unidade e a democracia por meio de projetos de integração política, econômica e comunicacional, como expressão centro-americana da Grande Pátria.

No que diz respeito às redes, pode-se reconhecer a Rede de Relações Internacionais da América Latina (RIAL) como a tentativa mais sistemática de construir uma infraestrutura acadêmica regional em Relações Internacionais desde os anos 80, articulando pesquisadores, centros, congressos e publicações com agendas próprias. Luciano Tomassini simboliza essa geração que vinculou teoria, políticas públicas e inserção internacional. Embora tenha se desintegrado, sua recuperação ressalta a importância das redes acadêmicas para formar uma comunidade epistêmica regional. Por sua vez, as redes alterglobalizadoras contemplam movimentos sociais, ONGs e fóruns como o Fórum Social Mundial, mostrando que a produção intelectual não só se “formaliza” em academias e chancelarias, mas também circula por tramas que disputam o próprio sentido da globalização.

As **doutrinas** apresentadas na obra aparecem como respostas a dilemas regionais recorrentes (soberania, intervenção, dívida, fronteiras, desarmamento ou democracia), que ainda hoje oferecem um quadro normativo ao qual os países da região podem recorrer para orientar sua inserção regional e internacional. Onde a experiência doutrinária da ALC corresponde, provavelmente, ao seu sucesso mais visível na política externa, ou seja, o de ter conferido ao direito internacional um repertório próprio de princípios, forjado a partir de uma posição periférica, que consegue projetar uma identidade internacional regional pacífica, democrática e inofensiva. O percurso doutrinário vai desde a defesa da soberania e da igualdade jurídica dos Estados fracos frente aos grandes (as doutrinas Calvo e Drago como barricadas contra o intervencionismo armado e financeiro, ou as doutrinas das 200 milhas e *uti possidetis iuris* como dispositivos de proteção de recursos e fronteiras) até as apostas por uma identidade regional pacifista e desnuclearizada (Doutrinas Saavedra Lamas e García Robles por meio do Pacto Antiguerra e do Tratado de Tlatelolco). A isso se soma a longa tradição mexicana de não intervenção e reconhecimento diplomático de Estados e governos (Doutrinas Juárez, Carranza, Estrada, Díaz Ordaz, Cárdenas, Castañeda) e as doutrinas que introduzem explicitamente a democracia como critério de legitimidade externa (Doutrinas Betancourt, Tobar e Rodríguez Larreta), tensionando o eixo soberania-direitos humanos. Em conjunto, as doutrinas apresentadas permitem ver a ALC como um agente produtor de princípios normativos para um direito internacional a partir do Sul Global.

Para concluir, a obra pode ser entendida como um degrau necessário para quem se aventura nos estudos internacionais latino-americanos e caribenhos, como um guia prático para o pesquisador já imerso nas discussões acadêmicas sobre a região, ou como um excelente insumo para qualquer leitor interessado em compreender o desenvolvimento histórico das contribuições teóricas de maior relevância contemporânea da, pela e para a ALC. Nesse sentido, a obra contribui para dissipar em grande medida a obscuridade sobre o cenário eidético presente nos ecossistemas intelectivos latino-americanos e caribenhos, em virtude de um esclarecimento eidético regional entre aqueles que fazem parte do pluriverso da ALC. Conhecer a vizinhança para adquirir uma consciência regional sob um mesmo guarda-chuva de problemáticas internacionais e mundiais, que, com claras diferenças socioculturais e estruturais internas, revelam que são abstraíveis a denominadores comuns, tais como: nossa localização periférica na hierarquia centro-periferia do sistema-mundo, a condição de subdesenvolvimento que nos inscreve no Sul Global, as diversas

formas de dependência econômica, financeira, tecnológica e militar em relação aos centros de poder global, a vigência de uma condição de colonialidade do poder, a reprodução de oligarquias ou elites que se identificam com o *coloniaje* antes do que com projetos nacionais populares de autonomia, bem como padrões convergentes de extrema desigualdade social, vulnerabilidade externa, especialização produtiva primária-exportadora, conflitos socioambientais associados a economias extrativistas e capacidade limitada de influência nas instâncias de governança global. A visualização desse panorama pode estimular um espírito intelectual voltado para o desenvolvimento de uma verdadeira eclética na academia da região e para o fortalecimento das redes, como fonte de futuras teorias, abordagens, doutrinas e escolas de pensamento inovador, todas elas situadas e capazes de dar conta da realidade da ALC diante do internacional e do mundial, em resposta às suas problemáticas específicas, em defesa de seus interesses e em prol de uma inserção internacional mais autônoma e justa.